

# TERRA

Semanário Anarquista

# LIVRE

N.º 18-1.º ANO

Diretor: PINTO QUARTIM  
Propriedade do grupo editor da  
TERRA LIVREPublica-se ás 5.ªs feiras  
Redação e administração  
Rua das Gaveas, 55, 1.ºEditor: JAIME DE CASTRO  
Comp. e Imp. nas OFICINAS GRÁFICAS  
R. do Poço dos Negros, 8r

PREÇO 20 RS.

## Não se agrave a tragédia

O que temos para dizer sobre o doloroso e deplorável facto do dia 10, já o dissemos em parte na carta que mandámos á imprensa e que o *Diário de Notícias* nos fez o favor de publicar integralmente.

Não: aquele acto não serviu ideia alguma, partido algum, obra alguma de organização ou de propaganda. Não terá sido proeza policial, para justificar repressões. Admitamo-lo. Mas o seu efeito é o mesmo. Inquieta, desorientada, mal informada, explorada nos seus sentimentos e na sua ignorância, a opinião volta-se contra nós; e o governo ganha com isso prestígio e força para continuar e acentuar a perseguição ençada.

Para honra da nobreza e dignidade humanas, queremos supor, entre as várias hipóteses explicativas do funesto acontecimento, a que menos repugna á inteligência e ao nosso entranhado amor pela causa que defendemos: a explosão da bomba no cortejo camoneano não foi voluntariamente determinada, mas accidental. Talvez um choque casual durante a refrega com a policia, talvez algum estouvado, algum desesperado da miséria que quiz livrar-se do petardo, com receio de ser preso. O estudo atento do incidente torna verosímil esta explicação.

Sem duvida, já o porte da bomba é de uma lamentável imprudencia de inconciente ou de desesperado. Desde a ditadura franquista, desde a magnificação dos explosivos e a divulgação das suas fórmulas, ficou por cá a mania da bomba, essa arma tam perigosa, propria sómente para os grandes casos supremos das lutas armadas e tantas vezes contra-producente, moral e materialmente, para o manejador!

O caso, assim explicado, não tem o horror das primeiras versões: uma bomba estupidamente lançada, sem tom nem som, para o meio dum cortejo pacifico, em que ha mulheres e crianças. Acto selvagem e infame, que condenamos, não por medo ás responsabilidades, mas em nome da nossa propria dignidade e humanidade e no interesse superior do nosso

ideal de emancipação humana e das nossas ideias de tolerancia e liberdade.

Homens que se disseram anarquistas, mas que ao verdadeiro pensamento anarquista eram refractarios, puderam por vezes defender o terrorismo como método e praticar actos odiosos de vindicta cega e desvairada contra inocentes; mas esses actos reprovou-os sempre a consciencia anarquista indignada. E que partido não conta na sua historia atos desses, ainda com maior fartura? Não teve imitadores o patriota republicano Orsini, cuja bomba, mortifera mas decantada, sacrificou tantas vitimas inocentes, incluindo mulheres e crianças?

A violencia é, porem, função da autoridade. E esta quer, se chame Torquemada ou Robespierre, impõe pela força ideias e normas de pensar. E quando então trata de reprimir —pacificas demonstrações, por exemplo,—nunca ezita ante o sacrificio de inocentes. As balas perdidas atingem crianças e mulheres. A guerra, suprema expressão da violencia organizada em Estado, ceifa indistintamente na seara das vidas, a despeito de todas as convenções humanitarias.

O anarquismo encontra precisamente o seu alicerce teórico na negação desse método de convivencia social. Para o anarquismo só é legitimo o emprego da força quando se opõe á tirania e á violencia material, isto é, quando é resistencia, quando é legitima defesa. Então a força é altamente moral e social, tanto nesta como em qualquer sociedade presente ou futura. Contra a inconsciencia, contra a ignorancia, o anarquismo só possui uma arma: a propaganda pela palavra, pelo exemplo, pela acção.

Agora, neste angustioso momento, o governo parece que pretende aproveitar um horrivel desastre ou um lastimavel ato de loucura e desespero — talvez fruto de uma sementeira de ódios feita pela injustiça de provocadoras perseguições — para procurar desembaraçar-se de organizações e propagandistas incómodos.

Não sabemos se a opinião lho consentirá no instante presente.

Mas reflita ao menos nas lições do passado. Quando, apoz o atentado infame de Cambios Nuevos—cujo autor ficou para sempre ignorado—a Espanha inquisitorial torturou e fuzilou anarquistas e perseguiu homens de ideias, caiu sobre ela a mais terrivel reprovação universal e nunca mais desde então ela se levantou no conceito dos paizes civilizados. Montjuich é a mancha indelével. A *Mano Negra*, invenção policial, é outra.

A injustiça é o maior mal.

### DO NATURAL

De chapéu na mão, o velho e alquebrado mendigo dirigiu-se a todos, a todos pediu esmola...

Ao seu lado um sujeito gordo e vermelho saboreava uma loira e odorifera costeletta, nada mais vendo, ao que parecia, do que o prato que tinha na sua frente.

—«Meu senhor: pôde socorrer-me com alguma coisa?»—psalmodiou o velho mendigo, de chapéu na mão.

O outro olhou-o de soslaio, pegou no seu calice de *Carcavelos* e, d'olhos cerrados, a mão esquerda espalhada sobre o ventre rotundo, esgotou o seu conteúdo demorada e voluptuosamente. Ele deixou-o beber, ia a repetir; «meu senhor...» quando o outro, secamente, atalhou dizendo:

—«Não lhe posso dar nada. Deus o favoreça.»

O velho ficou-se, por um momento, olhando o meu nédio companheiro de mesa. Nos seus olhos apagados e tristes fulgiu, subitamente, um relampago de colera. F, afastando-se, com voz tremula:

—«Deus o favoreça! Tanto Deus o favoreça—e eu sem ter nada!»

JOSÉ BACEJAR.

### Factos e comentarios

#### Lá, como cá

Epigrafando-o *Les folles histoires* insere *Le Courrier Européen* o suelto seguinte:

«Contou-se, e fez-se acreditar, que a C. G. T. organizara o movimento de protesto dos soldados contra a retenção da «classe». Acrescentou-se até que os «meneurs», obedecendo a uma ordem, se tinham cuidadosamente absterido de aparecer em cena depois de para lá ter empurrado os camaradas.

Nada mais falso.

Os jovens militantes sindicalistas e socialistas conhecidos, antes da sua chegada ao regimento, são inscritos no «Carnet B.» De ha alguns anos para cá, já não são mandados para o Leste. São incorporados ou em guarnições do Oeste, ou em guarnições do

Sueste. Ora nessas rejiões não houve incidente algum.

Daqui se pode concluir que os incidentes militares são fruto do descontentamento geral e duma sobreexcitação espontanea e que nenhuma ordem foi dada, nem pela C. G. T., nem por ninguem — o que era aliás a propria evidencia para todos os que não animados pela paixão, nem pela má-fé.

Outra prova é figurarem nos regimentos do Leste grande número de recrutadas da Normandia. E havia até duzentos num dos regimentos de Toul donde partiu o movimento.

—No meu círculo, dizia o seu deputado, não se sabe o que venha a ser a C. G. T.; ao todo, ha vinte e dois socialistas, que votam contra mim.

Mas é preciso absolutamente justificar as buscas domiciliárias que hão de permitir que se descubra o *complot...*

As buscas fizeram-se. O que o sr. Barthou ainda não fez foi mandar fechar a Casa Sindical, perdão! a C. G. T., apreender os jornais sindicalistas e acusar de «vadios» os militantes. Veremos.

#### Continuação do precedente

Narra o mesmo jornal:

«No quartel de Reuilly. Acabam de interrogar todos os soldados que tomaram parte no movimento de revolta contra a conservação da classe. O general sindicante quer á força que o movimento tenha sido preparado com larga antecedencia. Mas em vão são apoquentados os soldados. Muito dignos, mantiveram-se todos mudos sobre o modo como nasceu o protesto. Um deles, todavia, pareceu esitante. E aí temos o desgraçado sobre a grêlha.

—Vamos... o movimento foi preparado... Ha «meneurs»... Não é assim?... Foste incitado?... Responde!...

O soldado parece agitado. O oficial aperta.

—Ha «meneurs; hein?...

—Sim, diz o soldado num sôpro.

—Ah!... finalmente!.. Podes gabar-te de ser cabeçudo! Vamos, responde. Ser-te há levada em conta a franqueza... Quantos são eles?

—Três.

—Conhece-os?...

—Sim.

—Como se chamam então?

O homem hesita.

—Vamos! anda! Um pouco de franqueza!... Como se chamam?...

O homem abre a boca. O general, ancioso, fixa o paciente. E no silencio profundo são pronunciados três nomes:

—Poincaré... Etienne... Barthou.

—Prendam esse homem! Prendam esse homem! Metam-no no calaboiço!..

O general está furibundo, esmurando a mesa, donde voam as folhas do relatorio. Entretanto, simples e tranquilo, sai o soldado entre quatro homens de baioneta calada»

#### O «Sindicalista»

Reapareceu este nosso prezadissimo colega da imprensa operaria e revolucionaria que, não obstante a biologica perseguição que lhe tem sido movida e os numerosos odios afonsistas que sobre ele pezam, vem cheio de altiva indignação, atacando de frente e com

audácia os seus repelentes perseguidores.

Aos nossos leitores recomendamos a leitura do seu excelente artigo de fundo.

Afirmando mais uma vez a nossa solidariedade para com este valente semanário, defensor da classe trabalhadora, fazemos votos por que continue a dar-nos o grande prazer da sua visita sem interrupção.

### Festas da Cidade

Estão correndo desde domingo fartos regabofes a que se deu o nome de «festas da cidade».

Não ha pão, as casas estão cada vez mais caras, a exploração patronal é cada vez maior, a emigração atinge proporções de ezodo. Ao lado desta desgraçadíssima situação económica, os politicantes de todas as côres passeiam ostensivamente a sua inconsciência e sujam o mais que podem. Por cima, a coroar brilhantemente tudo isto, um homem despotico e rancoroso, possuindo o poder nas suas mãos, reduz ou elimina os direitos e as garantias prendendo a torto e direito, encerrando associações arbitrariamente e dirigindo amações a todos no meio duma chuva formidável de insultos.

Todavia ha festas... E o que é certo é que o povo gosta...

Esquece a exploração do senhorio, do fabricante, do proprietario, do comerciante. Não se rala com a tirania política, com as violências e muitas dos governantes. Não pensa um momento na sua libertação económica, intelectual e moral; nem sente a asfisia.

O povo!... O povo vê as luminarias, ouve as musicatas, dança o seu pedaço e faz alegremente a peregrinação pelos tasquinhos...

...O povo gosa...  
...Assim o temos visto nestes dias das «festas da cidade»...

### Julgamento

Realisa-se no dia 16 do corrente, no tribunal da Boa Hora, o julgamento do camarada Manuel d'Azevedo, preso, ha mezes, na Avenida, por se não descobrir na ocasião em que uma banda rejimental ali executava a *Portuguesa*.

Absoluta liberdade de pensamento, — prometiam outr'ora os *comicieiros* da Republica... Pois ahi a teem!

### Trabalhos... parlamentares

Do burguezissimo *Mundo* de 7 do corrente:

«Ninguém pôde ter já a segurança, infelizmente, de que os trabalhos parlamentares terminem no dia 14 e para que eles estejam prontos no dia 30 será necessario haver sessões noturnas todos os dias. Os parlamentares estão, naturalmente, cansados de uma sessão que já dura cerca de 7 mezes.» Etc.

Infelizmente, dirá o povo, que, assim, terá de os pôr mais algum tempo a 3:333 réis diários — cada um.

Quanto a cançados talvez o estejam — de não fazer nada...

## A Propaganda

### Organização anarquista

Um grupo de dedicados camaradas acaba de tomar a louvavel iniciativa de fundar entre Belem e Ajuda uma escola que «seguirá tanto quanto possível a orientação pedagógica das escolas de Francisco Ferrer». Conforme o bem redijido manifesto que temos presente, terá o título de *Escola Livre*. É de esperar que o nucleo organizador deste novo baluarte da ideia mereça o mais decidido apoio de todos os verdadeiros amigos da educação do povo. A quota minima é de 2 centavos semanaes. Toda a correspondência deve ser dirigida para a rua Particular, 4, (A Memoria) — Belem-Ajuda.

# O TERRORISMO

Outra fonte de erros e de culpas gravissimas tem sido o modo como muitos interpreta-ram a teoria da violencia.

A sociedade actual mantem-se com a violencia das armas. Nunca classe oprimida alguma conseguiu emancipar-se sem recorrer á força; nunca as classes privilegiadas renunciaram a uma parte, minima embora, dos seus privilegios, senão pela força, ou por medo á força. As instituições sociais presentes são tais que se torna impossivel transforma-las por meio de reformas graduais e pacificas, e impõe-se a necessidade duma revolução violenta que, violando, destruindo a legalidade, funde uma sociedade sobre novas bases. A obstinação, a brutalidade com que a burguesia responde aos mais anódinos pedidos do proletariado, demonstram a fatalidade da revolução violenta. E, pois, lógico e necessario que os socialistas, e especialmente os anarquistas, sejam um partido revolucionario e prevejam e apressem a revolução.

Mas, desgraçadamente, ha nos homens uma tendência a confundir o fim com os meios; e a violencia, que para nós é e deve continuar a ser uma dura necessidade, converteu-se para muitos em fim unica da luta. A historia está cheia de exemplos de homens que, tendo começado a lutar por um fim elevado, perderam no calor da refrega todo o dominio sobre si mesmos, e perdendo de vista o fim alvejado, se transformaram em feras carniceiras. E, como o demonstram factos recentes, muitos anarquistas não escaparam a este terrivel perigo da luta violenta. Irritados com as perseguições, enlouquecidos com os ezemplos de cega ferocidade que a burguesia dá diariamente, começaram a imitar o ezemplo dos burgueses, e o espirito de amor foi suplantado pelo de vingança, pelo de odio. E, como os burgueses, chamaram justiça ao odio e á vingança. Depois, para justificar os seus actos, que podiam entretanto explicar-se como efeito das horribéis condições do proletariado e servir como uma razão mais para invocar a destruição de uma ordem de coisas que produz tam tristes resultados, alguns começaram a formular a mais estranha, a mais fanatica, a mais autoritaria das teorias, e sem reparar na contradição, apresentaram-na como um novíssimo progresso da ideia anarquista. Eles, que aliás se dizem ao mesmo tempo deterministas e negam toda a responsabilidade, dedicaram-se a rebuscar os responsáveis do estado actual de coisas, encontrando-os não só nos burgueses conscientes que fazem o mal sabendo que o fa-

zem, não só entre a massa de burgueses que são burgueses porque assim nasceram e nunca a si proprios perguntaram o porquê da sua situação; mas até entre a massa de trabalhadores que, suportando a opressão sem revolta, são o seu principal esteio; e para todos decidiram... a pena de morte! E até houve quem delirasse sobre não sei que «responsabilidade potencial» para resolver o extermínio das mulheres grávidas e das crianças! Alguns que com razão negam aos juizes burgueses o direito de aplicar uma hora que seja de cadeia, fazem-se arbitros da vida e da morte dos outros e chegam a dizer que *se tem o direito de matar quem não pense como nós!* Parece incrível e muitos não quererão acreditar. E no entanto, ha tempos, todos podiam ler num jornal «anarquista» palavras como estas: «Em Barcelona estalou uma bomba numa procissão religiosa, deixando no solo 40 mortos e não sabemos quantos feridos. A policia prendeu mais de 90 anarquistas com a esperança de deitar a mão ao heroico autor do atentado.» Nenhuma razão de luta, nenhuma desculpa, nada; é heroico matar mulheres, crianças, homens inermes, porque eram catolicos! Isto é pior do que a vingança; é o furor doentio do místico sanguinario, é o holocausto sangrento nas aras dum deus... ou duma ideia, o que afinal dá na mesma. O' Torquemada! ó Robespierre!

Apresso-me a declarar que a grande maioria dos anarquistas espanhóis protestaram contra o áto insano. Mas ha tambem quem se chame anarquista e louve o áto, e isto basta para que o governo finja misturar todos num feixe e o publico os confunda a valer.

Gritemo-lo com força e sempre: os anarquistas não devem, não podem ser carrascos: são libertadores. Não odiamos pessoa alguma; não lutamos para nos vingar, nem para vingar os mais; queremos o amor para todos, para todos a liberdade.

Pois que a actual fatalidade social e a obstinada resistencia da burguesia obrigam os oprimidos a empregar a força física como ultimo recurso, não recuemos ante a dura necessidade e preparemo-nos para usa-la vitoriosamente. Mas não façamos vitimas inuteis, mesmo entre os inimigos. O proprio fim pelo qual lutamos nos força a ser bons e humanos mesmo no meio do furor da batalha; de outro modo, não se explica como poderíamos querer lutar por um fim como o nosso, se não fossemos bons e humanos. E não nos esqueçamos de que uma revolução libertadora não

pode sair do extermínio e do terror, que foram e serão sempre geradores de tirania.

Errico Malatesta

### O proletariado e a Republica

## O encerramento da casa Sindical

### Um manifesto dos dirigentes das associações ali instaladas.

Em resposta ás infames calunias e insinuações do chefe do governo na já célebre sessão parlamentar de 2 do corrente, acabam os dirigentes das associações operarias instaladas na Casa Sindical, arbitrariamente encerrada por sua ordem, de publicar o enerjico e altivo manifesto que em seguida reproduzimos e cujas palavras fazemos absolutamente nossas. Urje, realmente, que isto tenha um termo. Não podemos nem devemos consentir, se de facto presamos a nossa dignidade de homens, de trabalhadores e de revolucionarios, que por mais tempo se prolongue semelhante situação.

### Ao povo trabalhador

«Camaradas: pesa sobre nós uma opressão terrivel. O desafio que nos foi lançado está transformando-se numa guerra de morte. Podemos nós suportar isto mais tempo? Cometeu porventura o operariado algum crime?»

Plenamente convencidos pela refletida observação dos factos que nem motivos d'ordem publica podem ser alegados, nem tampouco cumplicidade individual ou coletiva das associações de classe no pronunciamento militar de 27 dabrill, e que é portanto uma baixa vingança contra a honrosa emancipação politica de que nos orgulhamos o mobil oculto do governo, querendo dissolver a Casa Sindical, os corpos dirigentes das associações operarias afirmam o seu indignado protesto e apelam veementemente para a praça publica, para clamarem bem alto o seu protesto e reclamarem com firmeza — justiça!

Camaradas! Vai para dois meses que andamos forajidos como criminosos, reunindo quasi ás escondidas em associações amigas que nos cedem com sacrificio as suas instalações. Pode isto continuar assim? Podemos nós consentir que nos calquem aos pés os direitos associativos, que nos privem dos nossos legitimos haveres, que nos espulsem de nossa casa, que nos persigam e caluniem? Sim, caluniados e infamados! Não sentis nos vossos peitos o frémito da indignação e a vergonha do

ultraje — um ultraje como já-mais nos foi feito — lançado como um esgarço ao vosso rosto do alto das prerrogativas do poder por um homem que nos adou e que foi durante tanto tempo o idolo de muitos?

«O dinheiro com que vivemos na Casa Sindical é o dinheiro da traição. Somos vendidos, somos desprezíveis e *souteneurs*.» Eis o que eles disseram de nós. Não ouviram, camaradas? Vós que de magra fêria arrançais algumas migalhas para que aquela casa possa viver com honra, fóra de toda a política, só para nós, só para a causa de nós todos, vós consentis que vos lancem em rosto uma tal afronta? Vós consentis que enlameiem assim a nossa reputação de operários honestos, nós que somos o trabalho, a produção, a atividade útil, que com os nossos braços erguemos as cidades e com o nosso suor fecundamos os campos?

Não pode ser. Tudo tem um termo. O ultraje lançado a todos os trabalhadores com um desprezo e um cinismo como já-mais se viu e de que não ha exemplo na historia do operariado português, é preciso ser repellido com energia, com firmeza e com aquela serenidade de quem tem por seu lado a razão e a justiça.

Camaradas: apressemo-nos todos para um protesto energico! Unamo-nos como um só homem para fazermos vingar os nossos direitos!

*As associações operarias instaladas na Casa Sindical.*

PELO ALGARVE

### A FORÇA AO SERVIÇO DO CAPITAL

Dizem-nos de Ficalho, Algarve, ezercer-se ali a mais desenfreada exploração sobre os infelizes trabalhadores do campo.

Tendo alguns destes resolvido não continuar aceitando ceifas de empreitada, reuniram na noite de 18 de maio findo, a fim de procurarem obter, para o efeito, a solidariedade dos seus restantes camaradas. Todos, de facto, anuíram á sua resolução, dizendo que renunciariam ás empreitadas tomadas. Como, porém, isso representava um ligeiro beneficio para aqueles desditosos trabalhadores, logo houve quem falsamente avisasse o administrador de Serpa de que... o povo se encontrava em as ruas contra os proprietarios. Aquele, é claro, apressou-se a mandar para ali uma força da cavalaria da guarda republicana, com ordem, naturalmente, de dar para baixo a torto e a direito, logo que para tal se lhe oferecesse o minimo ensejo. Mas os seus desejos quedaram, felizmente, insatisfeitos, visto que o povo se mantinha e manteve sempre na melhor ordem.

## Recita interrompida

D'O Mundo :

### Uma recita acidentada

#### Uma manifestação republicana dá origem a grande panico

Ontem, cêrca das 23 horas, percorreu as ruas uma manifestação popular dando vivas á Republica. Passando pela rua da Trindade, foi atacada hostilmente pelo cabo civico n.º 40 e mais uns dois guardas que estavam á porta do Ginasio. Aqui realizava-se uma recita *talassica* por amadores; não se haviam vendido bilhetes ao publico, o preço deles era carissimo e assim mesmo não se vendiam senão a pessoas de confiança. O *Dia* havia feito largo reclamo desta festa, publicando a elucidativa nota dos assistentes. Emquanto na rua se estabelecia um pequeno conflito entre populares que só aclamavam a Republica e a policia, dentro, do teatro, o facto apparecia avultado e fazia-se um panico indescritivel. Aquella gente teve a impressão de que o teatro ia ser assaltado. A confusão foi enorme. Primeiro foram os gritos, depois os *cheliques*, e a seguir grande debandada. A imprudencia da policia fez com que, na verdade, alguns dos manifestantes entrassem no vestibulo do teatro victoriando a Republica. Isto aumentou a confusão. Os civicos cometeram a imprudencia de disparar tiros. Peor ainda O panico assumiu proporções pavorosas. A breve trecho, afinal, tudo serenava. Requisitadas policia e guarda republicana. appareceram um esquadrão desta guarda, um piquete policial, o comandante da policia, etc. A assistencia, onde se viam os mais ardentes monarchicos que estão em Lisboa, socegou com esta garantia que lhe ofereceram as forças da Republica. O espetaculo seguiu pois, terminando cêrca das duas horas. A' saída houve ainda uns ligeiros incidentes.

D'O Seculo :

### RECITA INTERROMPIDA

#### Um assalto ao teatro do Ginasio

**Houve bengaladas e tiros, panico na sala e confusão, tudo serenando com a comparsencia da policia e da guarda republicana.**

Hontem no teatro do Ginasio, realisava-se, sem os costumados réclames, nos jornaes e nas ruas, uma recita essencial-

mente aristocratica, promovida por alguns titulares conhecidos e para a qual foram convidadas alguns ministros de nações estrangeiras. As vagas noticias que se publicaram da festa davam-na como um espetaculo de caridade. Porém, nos ultimos dias, dizia se por ahi á boca pequena, que a *soirée* tinha reservados intuitos, e ultimamente começou a correr, com insistencia, que o produto do espetaculo se destinava á subscrição para a compra da prenda que os monarchicos vão oferecer ao ex-rei D. Manuel, o que não parece muito provavel, visto assistirem á recita alguns republicanos conhecidos, entre eles o sr. João Tudela, secretario do presidente do governo.

Fosse como fosse, o caso é que o teatro encheu-se á cunha, apresentando-se os espectadores, que eram a fina flôr da aristocracia lisboeta, em rigoroso trage de *soirée*, e ficando toda a rua Nova da Trindade e largos da Abegoaria e Duas Igrejas literalmente apinhados de automoveis e trens.

Cêrca das 10 horas e meia, entraram no atrio do teatro tres individuos, e dirigindo-se á bilheteira, requisitaram igual numero de cadeiras. Como lhes fosse respondido que não havia bilhetes á venda, saíram. Pouco depois, um numeroso grupo de populares, agitando bengalas e soltando vivas á Republica, avançou contra a porta principal do edificio, pretendendo forçar o guarda-vento do atrio. Os porteiros e tres policias que ali estavam de serviço defenderam, porém, valentemente a entrada, travando-se luta, no decorrer da qual um dos primeiros ficou contuso nas mãos e na cabeça, mas sem que os assaltantes conseguissem invadir o atrio. Entretanto, o grupo ia despedaçando á bengalada e á pedrada grande quantidade de vidros, succedendo que a breve trecho todo o teatro estava em alarme, interrompendo-se o espetaculo e espalhando-se um panico enorme entre os espectadores, especialmente as senhoras, que fugiam espavoridas em todas as direções.

Como o teatro não tem saída senão pela rua da Trindade e não havia maneira de prevenir policia, houve grande demora em avisar para o governo civil do que se passava, pelo que, durante perto de meia hora, a defeza da casa esteve apenas entregue aos tres guardas, aos porteiros e a alguns dos espectadores mais corajosos, que vieram afrontar a furia invasora. Durante esse lapso de tempo ouviram-se detonações de bastantes tiros, mas ninguem appareceu ferido, parecendo que foram disparados para o ar pela policia, para amedrontar, embora algumas pessoas afirmem que tambem da parte dos assaltan-

tes alguns foram disparados.

Por fim, compareceu uma força de policia, comandada pelo capitão sr. Esmeraldo, á aproximação da qual todos os assaltantes debandaram, vindo pouco depois, em seu reforço, uma força de 30 praças de infantaria da guarda republicana, comandada pelo alferes sr. Almeida, e outra de cavalaria da mesma guarda, sob as ordens do segundo sargento sr. Arnaldo de Almeida. Estas forças varreram, por completo, toda a rua Nova da Trindade e imediações, até ao largo das Duas Igrejas, a fim de preparar a saída dos espectadores, começando estes, com efeito, a retirar, cêrca da meia noite, nos seus automoveis, depois de, pelo comandante da força policial, lhes ter sido garantido que o podiam fazer sem o menor risco. O exodo, porém, fez-se demoradamente, devido á necessidade de escoltar cada vehiculo até certa distancia, pelo que á 1 hora e vinte minutos ainda não tinham saído todos os espectadores.

Pouco antes d'essa hora, por ser desnecessaria, visto haver completo socego, retirou a força de infantaria, ficando as restantes até mais tarde, a fim de evitar ajuntamentos e impedir possiveis conflitos.

Na escada do predio numero 80 do Chiado, foram presos cinco individuos como tendo tomado parte na manifestação, sendo depois tres deles postos em liberdade, por terem provado a sua inocencia no caso.

Cerca das 2 e um quarto, ainda saiam espetadores, porque a recita continuou apoz ter serenado o conflito, saindo no meio deles o sr. Carlos Olavo, secretario geral do governo civil, e o seu irmão sr. Americo, deputado, a quem um grupo de republicanos, que se postara defronte do teatro, censurou pela sua comparsencia na recita.

Então, o sr. Americo de Oliveira, intervindo em defeza dos irmãos Olavos, travou-se de razões com o industrial de sapataria Julio Cruz, regedor da Encarnação, com quem teve um conflito, separando-os varios amigos, e entre eles, o sr. Rui da Cunha, que se distinguira nas censuras, bem como a policia e a guarda republicana.

Um individuo que entrara tambem na cena e se dirigira menos convenientemente ao capitão sr. Esmeraldo, da policia, foi preso, tendo estado no local os srs. governador civil, comandante da policia, chefe Sarmiento e varios agentes da judicaria, bem como o general Encarnação Ribeiro, comandante da guarda republicana, e outros officiaes deste corpo.

As forças retiraram logo que o teatro fechou e o local voltou ao seu habitual socego.

## Como se prepara uma condenação

A *Pátria*, jornal republicano-democrático, dizia, ante-ontem, á noite, que, contra o prêso Pinto Quartin, diretor da *Terra Livre*, pézam graves responsabilidades.

A *Luta*, d'ontem, numa *amavel e leal* referencia ao nosso diretor, dizia: "Foi também detido o sr. Pinto Quartin, diretor do semanário *Terra Livre*, e redator d'*O Século*, que recolheu ao calaboiço n.º 4. Consta que, numa busca que lhe passaram, fôram encontrados documentos comprometedores".

E *O Mundo*, do mesmo dia, acrescentava: "Contra Pinto Quartin, diretor da *Terra Livre*, que ontem foi preso, pézam, segundo ontem dizia um jornal da noite, graves responsabilidades".

A noticia que publica *A Luta* é uma repugnante falsidade. Essa noticia foi publicada ontem de manhã e até á ora que escrevemos, ainda nenhuma busca foi passada em casa de Pinto Quartin.

Como lhe encontraram os tais documentos comprometedores?

Quanto ás *graves responsabilidades* que pézam sobre Quartin basta que se diga que ante-hontem á noite na especie de interrogatorio a que submeteram o nosso camarada, declararam-lhe não saberem o motivo da sua prisão, foi que esta tinha sido ordenada pelo

comandante da policia, e acrescentaram que não havia parte alguma contra ele.

No entretanto "O Mundo", "A Patria", e "A Lucta", para auxiliarem o governo na sua missão de se desembaraçar daqueles que não lêem pela sua cartilha, não se pejam de lançar mão do boato, da calunia, processos que nós nunca aqui empregámos nem empregaremos mesmo contra os nossos mais desleaes perseguidores.

Mas a intenção daquelas noticias é facil de perceber. Urge preparar a opinião publica para atos violentos e como não há provas contra nós inventam-se. O que é necessario é pôr-nos em logar seguro e depressa. Quanto aos processos... os fins justificam os meios.

As ultimas perseguições são mais um ezemplo a comprovar a veracidade do que sempre temos dito sobre a vindicta chamada justiça.

\*

Até agora sabemos que estão presos alem de outros, os seguintes companheiros: Alexandre Vieira, Alexandre Assis, Francisco Cristo, Evaristo Esteves, Henrique Moraes, Artur Parente, Agostinho de Carvalho, José Sebastião, José Maria Gonçalves, José Marques, José dos Santos Mousinho, etc.

### Uma infamia assombrosa

## Carlos Rates e Antonio Henriques estão presos como vadios!

**Um officio da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais, de Evora—Campanha que se impõe.**

Continuam no Limoeiro... como *vadios*, os nossos queridos amigos e camaradas Carlos Rates e Antonio Henriques. Escusado será dizer que esta nova infamia das autoridades provocou a maior indignação entre quem sobejamente conhece o integro caráter daqueles nossos prezados companheiros de ideal e de combate. Custa a crer, realmente, que a tão baixos processos de acusação se descesse para os fazer passar aos olhos dos ingenuos como elementos indignos da menor solidariedade proletaria! *Vadios*, eles que toda a sua vida teem trabalhado como poucos—e como nunca hão de trabalhar os seus torpes acusadores! *Vadios*, eles, que tanto pela sua pureza de caráter como pela bondade do seu coração, merecer souberam a confiança e a estima de todos os verdadeiros homens de bem!

Decidida, positivamente, esta nova infamia governamental não pode passar em claro. Urje que uma forte campanha se levante entre nós contra a imerecida e aviltante situação em que se encontram Carlos Rates e Antonio Henriques!

Trabalhadores, revolucionarios, homens de coração: unam-nos como um só homem e, sem desfalecimentos e sem treguas, trabalhem todos pela libertação dos martires! Pela sua e pela dos muitos outros camaradas que, injustamente, se encontram gemendo entre os ferros da Republica!

Hoje por eles, amanhã por nós!

\*

Da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais de Evora, da qual o camarada Carlos Rates, como já dissemos, era escrivario, recebemos o seguinte officio, que muito nobi-

lita os inteligentes e ativos companheiros que da sua direção se encontram encarregados:

Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais. Evora, 5 de Junho de 1913. Prezados camaradas: Inteiramente colocada ao lado de *Terra Livre*, pela campanha empreendida a favor do nosso querido companheiro de lutas Carlos Rates, a F. N. T. R., reconhecendo a ineficacia de um protesto na imprensa operaria, está disposta a empregar outros meios, se as outras organizações o queiram também entender, em prol da imediata soltura de Rates, bem como dos propagandistas arbitrariamente presos pelas autoridades republicanas.

Não póde esta Corporação deixar passar por alto as infamias que se teem lançado sobre o nobre caráter do denodado e inteligente batalhador a quem o movimento rural deve tantos sacrificios, sem que, sabendo-o impoluto, repila violentamente tão vilissimas atoardas.

Saude e Emancipação.

Pela Federação  
O Secretario Geral  
Joaquim José Candieira.

### GUERRA Á G. C. T.

## O projeto Cheron

Vem a proposito, tanto mais que se tem falado cá do projeto de lei do "ministro do trabalho" Chéron, traduzir de *La Bataille Syndicaliste* de 31 de Maio o seguinte artigo de Harmel:

O projeto de lei com que Barthou ameaçava ha três dias a C. G. T. foi ontem deposto por Chéron, seu autor ou pelo menos seu signatario.

...Esse projeto abranje duas partes.

### A capacidade civil

A primeira não é coisa nova: visa os sindicatos e tende a modificar a lei de 21 de março de 1884, concedendo ás organizações profissionais a capacidade civil. Já tinhamos ouvido muitas vezes essa canção.

Eis como Chéron e Barthou a interpretam por sua vez. Os sindicatos terão o direito de adquirir bens imoveis, de receber doações e legados.

Não tendo embora o direito de comerciar, poderão alugar, emprestar ou repartir ferramentas, instrumentos ou materiais necessarios á sua profissão; poderão igualmente intervir para ajudar a saída dos produtos do seu trabalho, e enfim servir-se das marcas sindicais depositadas (*label*).

Mas poderão sobretudo, e isto não o diz o projeto, ser processados e sucumbir sob o

peso das multas e das indemnizações. Chéron de tal modo conta com isso que o seu projeto especifica as condições da dissolução deles.

### As Uniões de Sindicatos

Mas, por mais perigosa que seja, a primeira parte é duma hipocrisia subtil relativamente á segunda. Esta é simplesmente brutal.

A primeira só visa os sindicatos; a segunda é diretamente dirigida contra a C. G. T. Reconhece as Uniões de sindicatos, cuja legalidade, aliás não contestada, decorre do testo da lei de 1884; mas declara que tais Uniões só poderão, como os sindicatos, ocupar-se "da defesa de interesses puramente profissionais", sob pena de multas e de dissolução.

Como as multas e a dissolução são pronunciadas pelos juizes correctionais, submetidos ao governo, imagina-se até onde pode ir o arbitrario. Efetivamente, como definir um ato puramente profissional e um ato que o não é?

Além disso, como as penas previstas pela lei de 1884, em caso de não dissolução, são consideradas fracas demais, Chéron e Barthou substituem-nas pelas da lei de 1901 sobre as associações, muito mais fortes, indo até um ano de prisão e 5:000 francos de multa.

### A. R. P.

Por muito draconianas que sejam, não pareceram ainda suficientes essas prescrições. Vejamos agora a verdadeira máquina de guerra montada contra a C. G. T.

O governo não achou coisa melhor do que servir-se, por sua conta, da representação proporcional sustentada nos congressos confederais pelos reformistas e guesdistas.

Para que nos não acusem de forçar a letra, citemos simplesmente o paragrafo 4.º do artigo 6.º do projeto:

"Cada um dos sindicatos aderentes á União deve, na eleição ao conselho administrativo e nas decisões da assembleia geral, dispor de um numero de votos proporcional ao numero dos seus membros."

E' claro e não admite equívoco. Como aliás o fim a que tendem todas essas medidas e que a pena deselegante do escriba de Chéron expõe assim:

"O projecto assim precisado tende pois ao mesmo tempo a orientar os sindicatos para a ação prática, a dar-lhes os meios de exercer o papel que eles podem utilmente desempenhar, e tendo-os assim reforçado sobre o terreno legal, a impedir, por meio duma regra tutelar para eles e ao mesmo tempo protetora da ordem publica, de se distrairem dos interesses profissionais."

Isso resume-se mais simplesmente: "Guerra á C. G. T.!"

# Cancros sociais Bibliografia anarquista portuguesa

III

## Majistratura

Uma das cousas que ainda não consegui compreender (como tantíssimas outras, infelizmente...) é que um homem esteja convencido sinceramente de que possui a faculdade de assimilar, por assim dizer, o Eu de outra pessoa; de sentir e pensar exatamente como ela e portanto ajuizar plenamente de todas as circunstâncias que influíram para essa pessoa praticar ou deixar de praticar tais ou tais atos e julgá-la por esses atos; bem como não perceber que os outros homens achem que ele tenha essa faculdade, que não pode deixar de a ter e que assim deve ser.

Compreendo que num litígio, o ofendido possa perdoar a ofensa ou castigar quem o ofendeu; que o lezado passe uma esponja sobre o prejuízo recebido da pessoa que o lezou ou exija uma reparação por parte dela do gravame causado. Mas que um terceiro personagem se intrometa na questão entre os dois litigantes e se arrogue o direito de condenar ou absolver aquêle que não o visou com os seus atos, e esteja persuadido de que realmente tem esse dom, eis o que se me antolha fenomenalmente piramidal!

Como é que esse terceiro personagem pode figurar ao seu espírito e fazer sentir ao seu coração todas as influências fisiológicas, psicológicas, éticas influências de meio ambiente e íntimas que preponderaram no ânimo do acusado para o impulsionar ao crime, se crime houve, quando é certo que os próprios agentes do ato incriminado, dois minutos depois de o praticarem, não sabem explicar a si mesmos, em todas as suas minúcias, como ele se deu e porque se deu? — e, o que é importante, não podem fazer ver ao espírito dos seus julgadores todas as mínimas particularidades das emoções que sofreram e os impeliram ao ato a julgar; patentear todos os escaninhos da sua alma para que os julgadores nela vejam toda a complicada e variabilíssima mecânica — permitam-me a expressão — que precedeu o facto pelo qual são chamados a um tribunal?

Para mim é incompreensível; e creio que para todos os homens de coração que queiram abstrair das convenções sociais e só encarar a verdade da natureza.

E esta incompreensão, direi mesmo estranheza, é em mim tanto maior quanto é sabido que o que a gente de leis menos estuda, é o homem socialmente considerado; do que ela menos se ocupa é de procurar entender os fenómenos sociais, económicos, éticos, políticos etc.

Livros e folhetos originais ou traduções; jornais, revistas e manifestos publicados livre ou clandestinamente; bilhetes postais, estampas, desenhos, hinos e canções, cartazes, programas, reclames, tudo se aceita por emprestimo e se agradece.

## Bibliografia anarquista Portuguesa

A iniciativa da *Terra Livre* vai ganhando terreno entre nós. No momento atual em que a classe trabalhadora vai dando mostras do seu resurgimento moral e intelectual, abraçando os sãos princípios de emancipação colectiva e económica, e sacudindo de cima dos seus ombros o indiferentismo pesado, motivado pela falta duma educação vigorosa e livre de preconceitos seculares, tal iniciativa é de um alcance incontestavelmente grandioso para a propagação do ideal anarquista.

Se os altos poderes coercitivos do estado, numa ancia de amarfanharem a progressão lisonjeadora das teorias modernas em poças de sangue ou nos segredos das prisões penitenciárias, se desequilibram numa flagrante doidece perseguidora, os defensores das doutrinas que se vão radicando em todos os peitos frementes de justiça e de amor não se esquecem da sua elevada missão moralizadora e de libertação humana, se bem que encontrem pelas suas costas ou na sua frente a proeminência insultante do aço das baionetas. Se os governadores civis, por ordem superiormente dimanadas, espalham entre os seus administradores impressos com a chancela da república, dando instruções severas para não descuidarem da caça aos sindicalistas e anarquistas, os arautos ardentes da Anarquia, com o maior desdém por tudo que representa calunia e ódio, proseguem altivos na sua obra de regeneração. E' assim que nesta ocasião de lutas, de convulsões, de insultos, de regressão a um passado ignominioso de tirania a *Terra Livre*, serena, segura do papel que tem a desempenhar na imprensa revolucionária, tem a viva fé de levar a efeito a exposição bibliográfica anarquista portuguesa. Ela aproveita a uns e a outros. Os imbecis, como os ignorantes, poderão ali colher conhecimentos valiosos, tendo ocasião de observar que a Anarquia não é uma conceção de doidos e ambiciosos que, por não serem também ricos, só pensam na auto-destruição, em fazer ir pelos ares, em estilhaços, as estatuas dos grandes representantes da sociedade, os palácios dos milionários, reis e presidentes, ou o Terreiro do Paço, em Lisboa. Se quiserem, verão que a Anarquia não trata de rios de sangue nem de transformar o orbe numa incomensurável fogueira gravitando errante nos espaços. Não são punhais, não são mascaradas afiveladas aos rostos, não são assaltos misteriosos, não são barricadas de dinamite o que os partidários fervorosos e sinceros da Anarquia concebem e

e de se dar conta à sua consciência, da ligação que esses fenómenos tem com os fenómenos jurídicos.

Daqui o parecer-me viciosa a missão da gente de béca e toga.

Verdade é que lá se diz:

Nas contendas entre os homens ha sempre um *tertius gaudet*...

E isto é já um elemento importante para esclarecer este caso de intervenção estranha ao facto.

promovida pela  
**Terra Livre,**  
está despertando  
o maior interesse

defendem. O ideal anarquico não se baseia numa fôrma cilíndrica carregada de clorato de potassa; não se escuda no odio dum Carlos IX, na cubiça sangrenta dos exercitos catolicos, nos punhais e venenos dos Borgias ou nas santas cruzadas vermelhas da França e da America de 1871 e 1887. A Anarquia divulgada nos congressos, nas revistas, nos panfletos, nos jornais e nos livros pelas principais individualidades em destaque na sociologia, na filosofia, na historia, na arte e na musica; não é uma seita ou partido de carbonaristas, de *democraticos*, de nihilistas.

E se não se querem acreditar nas minhas asserções, por suspeito, esperem que se realice a iniciativa dos nossos camaradas da *Terra Livre*, a quem os incito á luta e lhes dirijo todo o meu sincero aplauso, e vão certificar-se depois da verdade. Lá podem aprender bastante sobre as teorias anarquistas, estudar a sua moral, os seus fundamentos scientificos e naturais, a sua ação educativa, instrutiva e organizadora de uma sociedade futura, tudo bem explicito nas obras de tantas mentalidades, a quem a propria burguezia tem tecido os maiores encomios, dizendo até, naquelas horas de sinceridade que ás vezes aparece, que as doutrinas por eles apregoadas são da mais perfeita realização no futuro.

Que se prenda, que se prenda! Mas não são as violencias que farão com que o avanço revolucionario estacione. Quando uma ideia é confirmada pela ciencia e pela historia, os seus detraedores podem usar das mais vis maquinações, dos mais baixos pretextos, que ela irrompe sempre formosa e fértilizante em todas as consciencias. A exposição de bibliografia anarquista portuguesa, que presta incalculaveis serviços á propaganda anarquica, provará á evidencia que o anarquismo não é só defendido pelos rotos, pelos famintos, pelos pobres, mas pelo mundo científico e literario. O que, porém, se torna indispensavel é o concurso de todos os sinceros camaradas, e eu sei que aqui nesta cidade ha alguns que muito bem podem contribuir com a sua boa vontade, com o seu esforço.

E enquanto por um lado a *Terra Livre* dá um valioso desenvolvimento á propaganda, pelo outro, as autoridades republicanas, vão atulhando as prisões, encerrando os sindicatos, estrangulando a imprensa, afiando as espadas, porque não vêm com bons olhos tudo isto, todo este renascimento moral e organisador.

Honra á *Terra Livre*,

*Clemente Vieira dos Santos.*

Assim, á guisa do que o que aquêle célebre macaco arvorado em juiz fazia no litígio entre os gatos, vão os julgadores dos homens dando dentada ora num ora noutra bocadô do queijo até estabelecerem o equilíbrio... nos seus esfaimados ventres.

Um juiz, de cérebro bem equilibrado, querendo ser consciencioso quando se metesse a julgar homens, rasgaria a béca como falso símbolo duma não

De todos os camaradas de Portugal e Brasil e de todos que possam elementos interessantes que possam figurar nesta exposição, esperamos que cooperem nesta nossa iniciativa.

Tudo quanto a este assunto se refira, derijir a Afonso Manaças — Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisboa.

## De Pinto Quartim:

*A Revolução Social*, n.ºs 1 a 48 e o número programa, 1887, Porto. — *A Revolta*, (2.ª série), falta n.º 39, 1892, Lisboa. — *A Propaganda*, n.ºs 2 a 40 (faltam n.ºs 1 e 37), 1894, Lisboa. — *Manifesto do grupo comunista-anarquista em Lisboa, aos trabalhadores em Portugal*, Lisboa, 1888. — *Manifesto dos trabalhadores*, assinado por um grupo de roheiros comunistas-anarquistas; Póço do Bispo, 1889. — *Manifestos dos anarquistas aos oprimidos*, assinado «Os anarquistas do Porto», sem data nem tip. — *Manifesto dos grupos anarquistas aos trabalhadores portugueses*, assinado «Os grupos anarquistas portugueses»; Barcelona: imprensa de *El Produtor*, sem data. — *Circular do Grupo Revolucionário*, 1891, «comunista-anarquista, dirigida «aos elementos e grupos revolucionários em geral», Lisboa, 1891. — *Aos grupos e associações operárias em geral* (documento em que o grupo Revolucionário anarquista 11 de Novembro expõe as bases do pacto da União e Solidariedade ou Federação Livre), Porto, 1891.

*A anarquia na Evolução Socialista*, por P. Kropotkine — publicação dos grupos comunistas anarquistas de Lisboa e Porto—1887, Porto.

*Aos mártires de Chicago* — bibliotéca dos grupos anarquistas do Porto — 1893, Porto.

*Os Mártires do Porvir* Bibliotéca do grupo anarquista «Revolução Social» — 1893, Porto.

*A Lei e a Autoridade* — Edição da *Revolta*—1893, Lisboa.

*Processo dos Anarquistas de Lisboa*, — publicação do Grupo anarquista—1888, Lisboa.

*O crime de Chicago* — Bibliotéca do Grupo anarquista «Revolução Social» — Porto, 1891.

*O Governo Revolucionário*, por Pedro Kropotkine — Bibliotéca do Grupo anarquista «Revolução Social»—1892, Porto.

*O Salarialo*, por Pedro Kropotkine — Edição pa *Revolta*—1893, Lisboa.

*O Anátema*, por J. M. Gonçalves Viana—Bibliotéca do grupo anarquista «Revolução Social», Porto, 1891.

*A Evolução Anarquista em Portugal*, por J. M. Gonçalves Viana, 1.ª parte e 2.ª parte), Bibliotéca Grupo Anarquista *Revolução Social*; 1894, Porto.

*A Derrocada*, por J. M. Gonçalves Viana — Bibliotéca do Grupo Anarquista «Revolução Social», Porto, 1891.

*A Sociedade Futura*, por Emilio Darnaud, Bibliotéca «Primeiro de Maio — Coimbra, 1891.

*A Utopia Governamental*—Edição do «Grupo de Estudos Sociais»—Lisboa, 1894.

*O sentido em que somos Anarquistas de Bakounine*—Edição do «Grupo de Estudos Sociais», Lisboa, 1895.

menos falsa dignidade: pois, estudando a origem do fenómeno chamado crime, chegaria á conclusão de que tinham entrado para a cosumação d'ele tantas entidades que, ou teria de as chamar todas á responsabilidade (incluindo ele próprio) ou acabaria por irresponsabilizar o inculpado. E neste caso, que razões haveria a justificarem a existência de tal classe de togados? Pois se o homem não pensa porque quere

nem sente porque seja essa a sua vontade, visto que as ideias ou os sentimentos são a consequência das sensações vindas do mundo exterior, do meio ambiente, como pode êle ser responsável pelos seus atos, consequentes dessas ideias ou desses sentimentos? O grau de receptividade varia com cada homem e com as diferentes sensações; e em cada homem esse grau varia ainda, de instante para instante, com referência á mesma sensação. Dessa diferenciação de receptividade resulta a variabilidade de ideias e portanto de vontades e o mesmo facto, a mesma sensação, esterna pode levar certos homens a praticarem um ato julgado crime pelas sociedades e deixar outros homens indiferentes ou impeli-los a cometerem atos opostos. Não se é criminoso ou homem de bem porque se quer; mas porque as circunstâncias alheias á nossa vontade assim o determinaram. Um minuto psicológico é suficiente para decidir de todo o futuro de um homem.

Ora se isto é assim; e é certo que ninguém pode compreender e sentir todas as emoções que levam o homem a cometer ou não determinado ato; sendo absolutamente impossível a quem quer que seja figurar ao seu espírito todas as circunstâncias que para tal concorreram, de que serve, pois, a magistratura?

Para o ideal puro da justiça, de nada serve.

E'la só é util para outra cousa que não a justiça. A sua utilidade está em que a magistratura completa a obra de falsificação de caratêres, de adulteração de consciências que a Igreja não conseguiu realizar de todo; leva a cabo a tarefa de manietação da rebeldia dos explorados a quem a força armada não pôde sufocar; e fa-lo com um poder maior talvez que qualquer das instituições, eclesiástica ou militar, pois que hoje poucos acreditam em religião e grande maioria aborrece a vida de caserna; mas todos reverenciam e adoram essa deusa de olhos vendados a quem armaram com um gládio para cortar... o *queijo*; e deram uma balança para melhor intrujar os fregueses...

Este *tertius gaudet* é realmente um pilar da sociedade; e dos mais sólidos!

Está a ver-se por aqui que a magistratura não só é inutil; é prejudicial: pois que éla mantém, com todo o poder da superstição que inspira, o edificio de falsidades e verdadeiras injustiças que é a organização social.

Com efeito, as leis são feitas para garantir esta organização.

E, como éla é absolutamente contrária á natureza, e por consequência contrária á justiça e ao direito naturais, éla é ao mesmo tempo a origem do cri-

me; isto é: a origem da eterna revolta do espoliado contra o seu espoliador, da vítima contra o seu algoz, do burlado contra quem o burlou; da revolta da numerosa falange dos miseráveis contra a Igreja que os intruja, deprime, esbulha e vêxa; contra o Militarismo que os esfacela, saqueia e insulta; contra o Capital que os explora, violenta, tortura, defrauda e rouba.

E porque esta revolta é um perigo sério para a integridade de tais instituições e o Capital sente tremer as arcas aos embates dos esfomeados, necessário é que uma força mais potente venha esmagar toda a resistência dos famintos. E sendo a Justiça, a verdadeira Justiça, o elevado ideal que norteia os passos da humanidade sofredora, aproveita-se o culto que esta lhe rende, profana-se o belo nome de Justiça, furtiva-se a sua missão, conspurca-se-lhe e falsifica-se-lhe o culto e desvia-se esse culto assim falsificado, assim conspurcado, para uma outra justiça, reles caricatura da Equidade Eterna da Natureza, codificando-se leis sobre leis com trezentos mil artigos e um milhão de parágrafos e alíneas; tudo no sentido de desnortear o espoliado, de o enredar, de lhe dificultar o esclarecimento da verdade, de lhe prender os movimentos, de lhe abater os vôos de Liberdade, cansando-o com a inutilidade das suas reclamações.

Deste facto vem a constituição duma classe parasitária com fóros aparentes de justiça e verdade — a Magistratura.

Ela defende, pois, a organização social que a criou; e, por consequência, não precisa para isso de estudar sociologia, de profundar o problema do desenvolvimento das sociedades, de se preocupar com o determinismo social. Para éla, o homem fisico, o homem psicológico, o homem moral não existem. Para éla não existe a ciencia economica; não existem os fenómenos familiares nem politicos. Para éla só existem o homem *reo* e os códigos. E para julgar o reo não precisa a magistratura das ciencias morais, economicas, ou politicas: apenas lhe são precisos códigos. A unica ciencia verdadeira para a magistratura é a dos códigos. Os códigos dizem que é preto o que toda a gente vê que é branco? Se se provar que o reo disse o mesmo que os códigos, está o homem salvo. Se pelo contrario, disse que era branco o que realmente é branco, mas contra a letra dos códigos; ou se *convier imaginar que se provou* ter êle dito isso, é homem perdido! E' um delincente, um criminoso. Deve ser condenado nas penas da lei de tal, artigo n.º 500:000 e pico, parágrafo ducentésimo!

Esta flagrante injustiça, este mal inevitável dentro do rejime

capitalista que nos afoga, é ainda agravado: porque esta gente de toga, em virtude do mesmo regime dissolvente e corrotor, e portanto pela força das circunstancias dêle derivadas, entrem-se a embrulhar as questões, sofismando leis, adulterando intenções, esgrimindo oratórias onde a velharia ressuma por todos os lados, fazendo-se um prazer inaudito em vencer o adversário, não porque a sua causa seja justa, mas tão só pelo prazer de esmagar a argúcia do contendor.

E sobre tudo isto a vileza de prolongar a resolução dos pleitos a fim de a mamadeira não acabar senão o mais tarde possível — o que tira á justiça os últimos lampejos de pundonor e á magistratura algo de honesto que éla poderia ainda assim ter, para tudo dejenerar em traficância.

Não sou eu quem o diz; são os processos que gritam alto toda a escandalosa imoralidade que se acoita em resmas de papel selado; clamam-no os proprios funcionários de toga chamando-se reciprocamente intrujões, venais, burlões, falsificadores, umas vezes com palavras de mel; outras, com insultos.

E no meio de tal mixórdia lamacenta, feliz é aquele magistrado que consegue passar sem manchas e não viu a sua sinceridade e lisura vilipendiadas pela turba dos *raccrocheurs* e alcançou dentro desta sociedade dissolvente de carateres, conservar intacto o seu, e fazer, a despeito de tudo, alguma justiça justa.

Logo a existência da magistratura, da sua missão, não tem outra razão de ser alem da defesa dos interesses da classe dominante. Sob o ponto de vista social e humano, é inutil porque o crime que ela pretende julgar é um produto da sociedade; e enquanto esta fôr o que é, o crime existirá sempre; é prejudicial porque ajuda a manter todas as prerrogativas desta sociedade geradora do crime, é imoral porque, devendo exercer a sua missão como um sacerdócio, isto é, tomar ao pé da letra a ezata significação da Justiça, faz desta objeto de comércio e portanto utiliza todos os *trucs* que este emprego, para levar o mais caro possível pelos seus serviços, seja a causa justa ou injusta, contanto que renda... e por consequência que a mercadoria se venda bem...

José Carlos de Sousa.

## O despotismo vermelho

Ainda mais prisões!

Vindos de Pêro Grande, onde foram prêsos na tarde do dia 30 do mês findo, chegaram

ha dias a Lisboa, dando entrada no calabouço n.º 5 do governo civil, os camaradas Luís Maria Godinho, Manuel Dias da Silva e mais dois trabalhadores.

No mesmo comboio, vieram também prêsos seis camaradas de Olhão.

Como se vê, o governo, longe de seguir os conselhos de toda a gente sensata, cada vez mais despotico e violento se mostra para com os trabalhadores que ousam pensar e, naturalmente, buscam melhorar um pouco a sua desgraçada situação e a de todos os seus irmãos de sofrimento e de miséria,

Pois quem semeia ventos...

## Cronica internacional

EM FRANÇA

Anatole France, presidindo a um banquete comemorativo da entrada de Zola no Panteão, recordou a questão Dreyfus e o *Jaccuse*, proclamando que não basta ser justo uma vez na vida, mas é preciso renovar a luta a cada momento. Evitemos, disse o grande escritor, as duas causas principais dos erros humanos: o egoismo e o medo; e em face da reação militarista presente, igual á que Zola enfrentou, apelemos para «todas as forças fisicas, científicas e morais da nossa grande e generosa democracia, do nosso robusto proletariado», contra os «tartufos do patriotismo», contra os «patriotas de negócio», contra os «governos de violencia e de reação.» Bravo! Este belo discurso produziu enorme sensação.

— A Universidade Popular do «Faubourg Saint-Antoine» organizou, sob o nome de «Castelo flutuante», uma sociedade de excursões em barco. Segundo o nosso camarada dr. Pierrot, os passeios de barco são os mais hijiênicos e os que melhor correspondem á necessidade de ar livre sentida pelos habitantes dos centros urbanos: não ha o amontoamento dos tranvias e vagões, a trepidação dos comboios, a poeira das estradas, o regresso fatigado. Mais repouso, ar mais puro e vivificante, mais liberdade de movimentos. A iniciativa poderia ser imitada entre nós.

NOS ESTADOS UNIDOS

atravessa-se um período de vivas agitações operárias por todo o país.

Em Paterson, New Jersey, havia uma greve de 50 mil operários e operárias nas fiações de seda, para reivindicar um aumento de 25 0/0 nos salários e 8 horas de trabalho. O sindicato têxtil de Paterson está filiado nos «Trabalhadores Industriais do Mundo.»

Na Virjnia ocidental, a luta era igualmente acesa, reinando lá a lei marcial.

Em Cincinnati havia greve geral dos empregados dos carris de ferro.

Em Wharton, centro mineiro e industrial vizinho, grande agitação.

Em Nova York, havia a greve dos barbeiros, muito numerosos.

O governo, inquieto, não sabia fazer mais do que mandar tropas para «manter a ordem» e nomear varias comissões de estudo para ezame da situação.

Aviso

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

## ARTE SOCIAL

Arkadi Awerschenko

## A paz armada

Um dia, viu-se um desconhecido apresentar-se no ministério duma grande potencia.

—Conduzi-me, disse, perante uma autoridade capaz de compreender-me. Tenho que fazer uma comunicação inportante.

—De que se trata?—perguntaram-lhe.

—De aviação. Descubri uma coisa absolutamente nova em aviação militar e quero vender a minha invenção, a qual provocara, decerto, uma revolução na técnica da guerra e, ao mesmo tempo, um transtórno em tódo o armamento militar. Aquele que chegar a possuir o meu segredo terá uma superioridade esmagadora sôbre os seus adversários. Em tempo de guerra, terá a vitória assegurada. Eis tudo.

Todos se regozijaram e, dentro de pouco tempo, era o visitante levado á presença dum general. Este, radiante e oferecendo-lhe uma cadeira, perguntou-lhe:

—Em que consiste a sua invenção?

—Em um tipo de dirigível que se eleva no espaço com toda uma equipagem, podendo conservar-se no ar durante 100 horas e suportar a chuva, o vento e a tempestade. Quer adquiri-lo?

E, logo que obteve a palavra de honra do general de que não abusaria da confiança que lhe dava, o inventor desenvolveu os seus planos.

—Sim, disse o general, depois de ter tomado nota dessas palavras. O senhor tem razão... Está bem assim. Quanto deseja o senhor?

—Um milhão.

—D'acôrdo, disse o delegado do ministério, de tal modo comovido que abraçou o inventor. Eis aqui um cheque para o senhor apresentar no Banco. Um milhão redondo. Confie em mim. Sempre que descubra alguma coisa de nôvo, venha têr comigo.

—Tenho já uma coisa, disse maliciosamente o desconhecido. Uma pequena coisa verdadeiramente surpreendente.

—Pois quê?

—Inventei um canhão que pode, sem grande esforço desalojar o meu dirigível do espaço, fazendo-o cair rapidamente por terra. Com ele, o aerostato não tem nenhuma especie de salvação.

—Oíça, senhor, disse o general mal humorado. O senhor não tem vergonha? Inventar um dirigível extraordinario e imediatamente depois um canhão para o destruir? Desculpe-me, mas parece-me ilójico.

—Acredita? disse, sorrindo, o inventor. Não obstante, reconhece comigo a necessidade de constantes transformações na técnica militar, a necessidade de sempre procurar o melhor nos armamentos de guerra.

—Hum! Na verdade, é assim ou aprocimadamente assim que as coisas sucedem, confesso-o. E teria certamente admitido que outro houvesse inventado o seu canhão e no-lo viesse oferecer.

—Prefere acaso que o deixe por alguns instantes, o tempo preciso para frizar os bigodes e mudar de gravata, que volte depois e lhe apresente os meus cumprimentos como se nunca nos tivéssemos visto? Se assim o deseja, eu saio...

—Tem o senhor razão, concluiu o general. Não tenho mais do que inclinar-me. Devemos comprar o seu canhão, se não queremos—o que é sempre o seu direito—que o ofereça a outros. Quanto vale?

—Um milhão.

O general entregou um novo chéque dum milhão ao inventor e tocando-lhe no ômbro, exclamou, convicto:

—O senhor é um homem extraordinariamente dotado.

—Sim, sem dúvida, disse o desconhecido sorrindo.

—Para inventar um canhão de tal modo terrível, semeando a destruição de semelhante maneira...

O inventor objétou modestamente:

—Terrível, se assim o quer... Mas, na realidade...

—Como? Pelo que pude deduzir dos seus desenhos...

—Efétivamente, podia sêr nocivo para o meu dirigível... Porém...

Tornou a sentar-se, lançando maliciosos olhares para o seu interlocutor.

—Que diria o senhor se lhe revelasse um pequeno segredo que lhe poderia sêr muito util? Inventei para o meu dirigível uma couraça tão proporcionada, tão sólida, que o põe absolutamente ao abrigo dêsse canhão.

—O senhor quer tornar-me doido?—exclamou o general. O que o senhor está fazendo é baixo, é vergonhoso, é infame!

O desconhecido franziu as sobrancelhas.

—O senhor abusa. Tanto mais que nada tem que me lançar em rôsto. Enganei-o, porventura, sôbre o valôr do meu dirigível? Póde negar a sua superioridade? E o canhão? Tem algum defeito? Não tem vantajem sobre o primeiro?

—Não nego nada disso. Mas o senhor devia têr-me apresentado a couraça e o dirigível ao mesmo tempo.

—Mas, replicou friamente o inventor, o desenvolvimento, a transformação dos instrumentos de guerra, ha-de sêr nor-

mal, metódica... Não deve sêr feita aos saltos.

O general e o inventor, sentados frente a frente, caláram-se durante alguns minutos.

O primeiro refletia. O segundo fumava um cigarro. O general teria de bom grado exposto o dezejo de que outro tivesse inventado a couraça; mas, temendo a repetição da recusa anterior, contentou-se com um suspiro e perguntou:

—Quanto?

—Um milhão.

—Não é bastante meio milhão?

—Noutra parte dar-me-iam dois, respondeu o inventor.

—Meu Deus! Será um homem que tenho diante dos meus olhos? Vamos. Está bem. Eis aqui outro milhão. O senhor arruína-nos!

O desconhecido, tomando o chéque, apertou a mão do general e dirigiu-se para a porta.

—Escute, disse este último, detendo-lhe o passo. O senhor parece desgostoso... Está bem convencido de que o dirigível nada tem que recear?

O homem sorriu hipócritamente.

—Do meu canhão. Sem dúvida alguma que se encontra ao abrigo dos seus tiros.

—Assim, posso têr confiança na solidez da couraça?

—Oh! sim! A não sêr que novos aparelhos, dotados de uma fôrça de destruição particular, sejam inventados.

—Mas semelhante coisa é impossível, afirmou o general, sobressaltado.

—De nenhum modo. Inventá-los-ão.

—Deus meu! Quando?

—E' coisa feita.

—Por quem?

—Por mim.

—C'os diabos! Porque se calou a êsse respeito?

—Parece-me que lho participo, meu caro senhor. Sinceramente lho declaro. Haverá dêsses aparelhos, Inventei-os eu.

O general têve um sorriso amarelo.

—Naturalmente virá oferecer-no-los? Sim, não é isto? E quando lhos tivermos adquirido, dir-nos-á têr inventada uma nova couraça, duma fôrça de resistencia extraordinária para evitar a ação dos mêsmos?

—Sim, aquiescêu o desconhecido.

—E torná-la-á nossa, em troca do seu fatídico milhão, para logo inventar um nôvo canhão capaz de a fazer em pedaços?

—Sem dúvida nenhuma.

O general, arrancando um punhado de cabêlos, ruiu:

—Que o leve o diabo! O senhor meteu-nos num bêco sem saída! Lança-nos na ruína e no aniquilamento! Com franqueza: quem é o senhor? Diga-mo, para o poder apontar á maldição de todos!

O desconhecido endireitou-

se bruscamente. Entristeceu-se e respondeu com vizível sofrimento:

—Póde o senhor amaldiçoar-me, disse. Isso de nenhum modo contribuirá para me tornar piór nem mesmo judicioso. Não lhe ocultarei o meu nome. Se tivesse mais um pouco de raciocínio, já compreendido teria que sou a encarnação da lójica, a razão humana feita homem. A sua inteligencia deve sêr muito limitada, visto que lhe não permite vêr que o nosso país se arruína em 10 anos ou em 5 minutos com a compra de armamentos de guerra... E' esse mesmo tempo o génio humano que o senhor tem na sua frente. E quer o senhor, desgraçado! cobri-lo de injurias e de opróbrio?

E o desconhecido, dizendo adeus ao general, abriu a porta e desapareceu.

## Movimento libertario

BELJICA

**Jornal sindicalista.** — Começou a publicar-se em Liège *L'Action Ouvrière*, mensario «sindicalista federalista». No seu artigo de apresentação, promete ser tenaz e mostra como os agoireiros se enganaram já a respeito da «União dos Sindicatos da provincia de Liège», fundadora do novo periódico:

«A União soube resistir á conspiração do silencio feita em tôrno dela; as calúnias lançadas contra os operários que militam no seu seio não os impediram de prosseguir no seu caminho em linha reta, sem se incomodar com os que nesta União de sindicatos vêem um desmancha — prazeres, que estraga as festas eleitorais. «Os cães ladram, a caravana passa», diz um provérbio árabe.

«Os aderentes da União, vendo no sindicalismo um meio de transformação social e não um fim, decidiram fazer um esforço afim de criar um órgão que difundia as suas ideias sobre o federalismo sindical, prendendo ao mesmo tempo o guizo do funcionalismo aos militantes sindicais politizantes e centralistas.»

O enderêço é: *L'Action Ouvrière*, 17, Quaisur-Meuse, Liège (Belgique).

FRANÇA

**O Congresso Anarquista.** — Os nossos camaradas franceses continuam a trabalhar afincadamente na preparação do seu já anunciado Congresso, á ideia do qual aderiram todas as agrupações comunistas anarquistas, nomeadamente os grupos do *Libertaire*, de *Les Temps Nouveaux* e do *Réveil Anarchiste Ouvrier*. Já aqui enunciamos os assuntos propostos pela Federação Comunista Anarquista.

Tambem em 29 do corrente se reunirá em Limoges um congresso anarquista regional, para constituição da «Federação Comunista Anarquista do Centro», ligando os grupos dos departamentos seguintes: Haute-Vienne, Indre, Creuse, Cher, Allier, Puy-de-Dôme, Corrèze, Dordogne.

**O pomo vedado.** — A policia apreendeu algumas centenas duma brochura editada pela Federação Comunista Anarquista contra os três anos de serviço militar. Em consequencia deste obsequioso reclamo—alem do valor proprio e oportunidade da brochura—a tiragem da mesma já está em cem mil exemplares. Por este andar, alcançará a tiragem do famoso *Manual do Soldado*.

## OPINIÕES E ALVITRES

## TRIBUNA LIVRE

Os artigos publicados nesta secção são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Quando os não desejem assinar nenhuma duvida teremos em publica-los desde que particularmente conheçamos a sua autoria sobre a qual guardaremos rigoroso sigillo.

Os orijinaes radicalissimos no vocabulario e vulgarissimos no fundo não publicamos, bem como não daremos cabida a questões particulares ou pessoais.

Queremos que esta secção seja um eco das aspirações do nosso tempo, um reflexo dos diferentes modos de ver dos camaradas e uma tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

## Burguesia, operariado e anarquistas

Burguesia e operariado constituem sob o ponto de vista das suas psicologias, uma mesma classe.

Tanto para o operario como para o burguês a aspiração suprema, o unico idial é ter uma fortuna. Ser rico, levar uma vida de não fazer nada—eis o sonho de ambas as classes. Co.no se nisso estivesse a felicidade!...

Poder-se-á contestar que todo o operario aspira a ser patrão? e que todo o operario tornado patrão aspira tornar-se grande comerciante, grande industrial, grande capitalista.

Só a cegueira dos fanaticos obreiristas, só o sentimentalismo piegas de muitos ajitados não quererá ver isto. De resto todo o espirito de critica imparcial constata a igualdade de mentalidades nas classes exploradoras e exploradas.

O burguês é autoritario, brutal e não tem escrúpulos nos seus processos, para ele o bem-estar social, a felicidade humana e a solução dos problemas economicos e morais são coisas sem significação. E não se dá o mesmo com o operario?

Não vive este no mesmo egoismo estreito? não é o operario igualmente brutal e autoritario tanto no seio da familia como no convivio com os seus camaradas? e vê-se porventura o operariado interessar-se sinceramente pela renovação social?

Tal qual o burguês, o operario é brutal, autoritario e não manifesta interesse real nem consciente pela transformação do meio social.

Vermes replentes que vivem enterrados no lodo dos seus erros seculares! seres estupidos e viciosos que vivem lonje da vida desconhecendo-a e que consomem todas as suas energias em lutas mesquinhas! criaturas inacessiveis a sentimentos delicados, e incapazes de um gesto de audacia ou de um pensamento que não seja sobre o dinheiro e a vida de porcos!

Para o anarquista ambas as classes são inimigas.

O anarquista luta com ariedade pela vida completamente livre, pretende derruir todas as velharias perniciosas, quer o belo, deseja uma vida sã, alegre e cheia de emoções, quer viver a sua vida o mais plenamente possivel.

E quem é que se opõe a tudo isto? quem é que lhe tolhe o passo e o impede de se expandir livremente? quem é que lhe salta ao caminho para lhe esmagar os assomos de rebeldia?

E' todo esse bando de burgueses e operarios com os seus preconceitos estupidos, com a sua ignorancia crassa, com a sua brutalidade e com o seu autoritarismo; é toda essa carneirada vil incapaz de sentir e de gosar a vida.

A transformação da sociedade no sentido libertario não visa prejudicar ninguem. Os próprios ricos terão a ganhar com ela libertando-se da hipocrisia que os oprime, então tornada inutil e libertando-se do peso dos erros e preconceitos que tanto prejudicam toda a gente, mesmo os seus defensores.

Porém, embora a organização libertaria da sociedade a todos trouxesse vantagens, tanto operarios como burgueses são entaves ao advento de essa era nova. Por ignorancia, por estupidez, por falta de inerjia para romper com os velhos habitos, os seres humanos são os unicos culpados da conservação e da perpetuação das injustiças e das mentiras causadoras da sua eterna dôr, da sua eterna miseria.

Os anarquistas não podem deixar de guerrear a velha sociedade, sem complacencias, esforçando-se por conseguir a dentro dela mesma, sem transijencias, um pouco de verdade, um pouco de justiça e um pouco de vida.

Na impossibilidade de se transformar repentinamente a humanidade, o unico caminho que se oferece aos anarquistas é tentarem, *contra tudo e contra todos*, viverem as suas vidas, solidarizando-se.

Gaspar dos Santos.

## Moral civilca

Todo o cidadão deve pagar o tributo de sangue? Pergunta duma professora a uma menina de 14 anos, num ezame de instrução primaria.

A criança hesitou em responder porque não estava, é claro, muito experimentada nessa moral dos quarteis e por isso perdeu talvez uma distinção.

Não acham, meus senhores, que tal pergunta era mais propria dum tarimbeiro a um recruta?

Incutir idéias homicidas no espirito das crianças, para quê, se num futuro que lhes pertence elas verão que aos pais bastaria juiso para defender a patria da maldade deles próprios?

Depois, era uma menina, destináda a ser mãe um dia;

uma adolescente, tendo na consciencia virjem o germe dos mais nobres destinos, que em tudo se podem resumir, menos em matar...

Oh! a moral da escola, como deve ser diversa da moral dum cabo de esquadra!...

José Salazar.

## BROCHURA SOCIAL

Na nossa redacção encontra-se á venda, ao preço de 30 reis cada exemplar, o magnifico folheto desta coleção **A solidariedade e a responsabilidade na luta operaria**, do conhecido propagandista Nettlan. Satisfaremos imediatamente todos os pedidos que venham acompanhados da respetiva importancia.

## No proximo numero:

daremos um trecho interessantissimo do curioso romance policial

## "LOS SECRETOS DEL ANARQUISMO"

publicado na America por Gonzalez Sanchez, vulgo Miguel Moreno, gatuno, bigano, falsario e espião espanhol

Esse trecho ocupa-se dos preparativos internacionais da revolução republicana portuguesa. Alta e saborosa fantasia. Notas interessantes de Carlos Malato.

ACABA DE APARECER

## Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

☞ A questão religiosa ☞ A questão politica ☞  
☞ A questão economica ☞ ☞

Preço 500 réis

(pelo correio mais 75 réis)

A administração da Terra Livre satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importancia respectiva.

Acaba do aparecer:

ERRICO MALATESTA

## Entre camponezes

Propaganda socialista-anarquista

Tradução portuguesa (unica conforme o orijinal italiano) de Neno Vscu

64 paginas — Preço 50 réis

Deposito: Terra Livre para onde podem ser dirijidos todos os pedidos que serão prontamente satisfeitos, desde que os acompanhe a importancia respétiva.